



***A AMIZADE COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIMENTAÇÃO DA
SEXUALIDADE EM “AQUELES DOIS” DE CAIO FERNANDO ABREU***

***AMISTAD COMO POSIBILIDAD DE EXPERIMENTAR LA SEXUALIDAD EN
“LOS DOS” DE CAIO FERNANDO ABIERTA***

***FRIENDSHIP AS A POSSIBILITY TO EXPERIMENT SEXUALITY IN “THOSE
TWO” BY CAIO FERNANDO OPENED***

Dhermersson Warly Santos Costa¹

Maria dos Remédios De Brito²

RESUMO

O ensaio pondera uma leitura fundamental do conto “Aqueles dois” de Caio Fernando Abreu, originalmente publicado na obra “Morangos Mofados” (2015). Argumenta-se que os personagens Raul e Saul agenciam em seus corpos uma amizade como possibilidade de exercício e experimentação das suas sexualidades em tempos de autoritarismo extremo. Trata-se de uma leitura interpretativa, influenciada pela filosofia francesa contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Sem pretensões formativas ou metodológicas, o que se pretende é experimentar com a literatura de Caio Fernando Abreu blocos de sensações que mobilizem outras formas de pensamento no corpo, na sexualidade, na vida.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Amizade. Diferença.

RESUMEN

El ensayo reflexiona sobre una lectura fundamental de la historia de Caio Fernando Abreu "Esos dos", publicada originalmente en la obra "Morangos Mofados" (2015). Se argumenta que los personajes Raúl y Saúl intercambian en sus cuerpos una amistad como posibilidad de ejercicio y experimentación de sus sexualidades en tiempos de autoritarismo extremo. Es una lectura interpretativa, influenciada por la filosofía francesa contemporánea de Gilles Deleuze y Félix Guattari. Sin pretensiones formativas o metodológicas, la intención es

¹ Possui graduação em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA. Mestre em ensino de Ciências.

² Doutora em Filosofia da Educação. Professora da Universidade Federal do Pará.

experimentar con los bloques de sensaciones de la literatura de Caio Fernando Abreu que movilizan otras formas de pensamiento en el cuerpo, en la sexualidad, en la vida.

PALABRAS-CLAVE: Sexualidad. Amistad. Diferencia.

ABSTRACT

The essay ponders a fundamental reading of Caio Fernando Abreu's story “Those Two”, originally published in the work “Morangos Mofados” (2015). It is argued that the characters Raul and Saul broker in their bodies a friendship as a possibility of exercise and experimentation of their sexualities in times of extreme authoritarianism. It is an interpretative reading, influenced by the contemporary French philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari. Without formative or methodological pretensions, the intention is to experiment with Caio Fernando Abreu's literature blocks of sensations that mobilize other forms of thought in the body, in sexuality, in life.

KEYWORDS: Sexuality. Friendship. Difference.

* * *

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, quando havia ainda intimidade para isso, um deles diria que a repartição era como “um deserto de almas”.
Caio Fernando Abreu

Escritura I: Abertura

No deserto das repartições públicas, um encontro de almas. Raul e Saul, duas almas solitárias “Raul viera do Norte, Saul do Sul” (ABREU, 2015, p. 189); “Raul tinha um ano mais que trinta, Saul, um a menos” (ABREU, 2015, p. 189); “Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de arquitetura” (ABREU, 2015, p. 188). Raul e Saul, dois corpos, duas almas, um encontro, um acontecimento: aprovação em um concurso para a mesma firma.

O conto “Aqueles dois” narra o encontro entre dois homens, duas almas estranhas que passam a habitar esse deserto corporativo. Ambos os personagens são novos na cidade, não possuem amigos, colegas ou companheiros. São duas almas solitárias que encontram na companhia um do outro um refúgio, um preenchimento para os seus vazios. Raul e Saul aos poucos vão se aproximando, descobrem interesses em comum, desenvolvem uma relação de afeto. Um desejo de alteridade, de sentir o outro em sua plenitude, brota nos seus corpos um desejo..., porém, os personagens habitam um território de clausuras, preconceitos, moralidade e julgamento. As relações sensíveis entre homens são condenadas as categorias, as identidades, a homossexualidade, a exclusão.

Os personagens sabem disso, sabem que é preciso criar dispositivos de fuga, agenciar variações no corpo para passar por esses blocos autoritários vivos, para que seus corpos não sejam massacrados pelo sistema como tantos outros corpos violentados, que deram suas vidas pelo desejo de uma vida intensa, corpos dilacerados pelo julgamento do outro, uma problemática que extrapola o campo da ficção literária, é a própria vida em seus meandros.

Raul e Saul encontram na amizade uma possibilidade de existência, uma saída para o exercício da sua sexualidade. A amizade como uma capa protetora. A capa da invisibilidade. A amizade entre os personagens no conto “*Aqueles dois*” é uma linha de fuga, uma forma de “tornar-se” invisível aos olhos do tribunal de julgamento, um devir-(im) perceptível, ao modo de Deleuze e Guattari (2013), agenciado nesses corpos. Esse devir em que as coisas vão brotando em gestos, em conversas, em olhares, em trocas, em que as subjetividades de ambos vão sendo alteradas, mesmo que imperceptivelmente, contudo ainda são vistos, notados, pois estão entre pessoas, entre instituições.

Nessa perspectiva, o ensaio toma como mote argumentativo que os personagens Raul e Saul agenciam em seus corpos uma amizade como possibilidade de exercício e experimentação das suas sexualidades em tempos de autoritarismo extremo. Trata-se de uma leitura interpretativa, influenciada pela filosofia francesa contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Escritura II: sexualidade e amizade

A amizade será um tema recorrente tanto na filosofia quanto na literatura, (ins)pirando filósofos e escritores de diferentes gerações em suas produções filosóficas/artísticas. Michel Foucault (1981), a exemplo disso, apresenta em uma de suas entrevistas a noção de “amizade como de vida”, tecendo algumas questões sobre a relação entre a amizade e a homossexualidade, a saber: Quais práticas são socialmente aceitas nas relações de amizade entre homens? E, quais os tratados que determinam modos de existência a partir dos encontros amoroso/amizade entre homens?

Ambas as questões serão atravessadas pelo encontro do “sujeito” com o corpo do outro, com aquilo que ele é capaz de afetar e ser afetado. Foucault (1981) percorre essa problemática desenhando algumas reflexões a partir de um olhar histórico para algumas sociedades antigas. Nessa perspectiva, as mulheres, por exemplo, sempre tiveram livre acesso aos corpos umas das outras, não recaindo sobre os ombros a “vara” corretora da

moralidade e do julgamento da sociedade... Toque, olhares, gestos de afeto, um cuidado ao esfregar as costas no banho, pentear os cabelos, andar de mãos dadas... Todo exercício corporal de sentir o outro... Ao homem, por outro lado, era negado o acesso a outros corpos que não o seu, em certas épocas, uma interdição instaurada na imagem dogmática do homem (CARDOSO; NALDINHO, 2009).

Essa barreira corporal passa a ser dilacerada nessas sociedades no período de guerra, contudo ainda convencionada por acordos e consentimentos de uma instância superior. As guerras reuniam homens de diferentes lugares, como as concentrações no campo de batalha poderiam durar meses e até mesmo anos, as relações afetivas eram tecidas por aquele grupo, um sopro de vida para suportar o isolamento e a saudade de casa (PELLIZZARO, 2009).

Nos acampamentos um aglomerado de homens dividia as mesmas tendas, a mesma cama, o mesmo banheiro... O corpo, acalentado pelos ferimentos em decorrência das batalhas, era agora um território permitido ao toque do outro, ao cuidado... Foucault (1981) menciona ainda que os desejos sexuais eram supridos entre os próprios soldados, sem que a conduta os inscrevessem em uma homossexualidade, desde que observados acordos e condutas daquele espaço, isto é, a prática do sexo entre homens era permitida exercitada em lugares afastados, no escuro, na floresta e, principalmente, que se tratasse de uma questão de “amizade” entre homens e não de “amor” (FOUCAULT, 1981).

Assim, com Foucault (1981) veremos que as guerras produziram diferentes efeitos no estatuto da amizade entre homens, tornando a amizade uma abertura para as relações amorosas. Essa questão será retomada em outra entrevista ao jornal “*Le monde*”, intitulada: Uma estética da existência. Nela o autor busca analisar o “movimento gay” nos Estados Unidos a partir da década de 1950, para delinear a amizade como um dos fatores de emergência de outros modos de existência entre homens (LAPONTE, 2013).

A história nos revela um modo de vida homossexual pautado na clandestinidade, em razão dos preconceitos e estigmas geradores de violência física e psicológica, a amizade seria uma linha de fuga, permitindo que trânsito dos corpos “amigos” pelas ruas da cidade, pelas mesas de bares, pela praia, pelo cinema, sem o julgamento a qual os homossexuais são impelidos (PELLIZZARO, 2009).

Nessa direção, percebe-se que as relações entre homens estão ancoradas sob o signo da fugacidade, em razão do próprio contexto histórico de repressão social imbricado aos homossexuais, isto é, diante da proibição e do julgamento, os encontros amorosos entre

homens eram marcados pela instantaneidade, reduzidos principalmente ao coito, para evitar um possível flagrante (ORTEGA; COSTA, 2009).

A amizade entre homens seria então uma possibilidade de alargamento desses amores, encontros regados não somente do ato sexual, mas de afetos... A amizade como uma potência para sair das masmorras, das quatro paredes, dos cômodos escuros e fechados, das florestas, das moitas... Amizade como de vida, por onde brotam outros modos de existência no terreno fértil da vida, outros amores possíveis... A amizade, por essas linhas, passa pelas tramas do devir-imperceptível do guerreiro nômade.

Escritura III: Devir

O termo “devir” que originalmente vêm do francês *devenir*, que em livre tradução significa tornar-se, nada tem de metafórico, não se trata de atingir uma forma, “ora, devir não é mudar, já que não há término ou fim para o devir” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 23), mas de escapar de uma forma dominante, fissurar os códigos disciplinadores, criar para si linhas de fugas inventivas. Um devir é um portal que nos convida a velejar por rios nunca antes navegados, ele não quer “imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade, não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10), o devir nessa direção não quer projetar uma essência, antes, variações, uma mudança constante que não reconhece o estático, o fixo, a identidade, não se trata de continuidade, mas de passagem, transmutação de linhas, blocos de devir.

O devir é o próprio rizoma no enfrentamento com a árvore classificatória, ele não tem começo nem fim e suas relações não são estabelecidas por uma ordem binária, evolutiva ou de filiação. Deleuze em um diálogo com Clair Parnet (1998) exemplifica a noção devir a partir da relação simbiótica entre a vespa e a orquídea “a orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura, pois ‘o que’ cada um se torna não muda menos do que ‘aquele’ que se torna” (DELEUZE; PARNET, 1998 p. 10).

O devir-vespa-orquídea se dar por zonas de vizinhanças entre moléculas, movimentos, emissões corpusculares... A vespa não quer imitar a orquídea, mas compor com ela. De um lado a orquídea é contagiada pelas zonas de vizinhança com vespa roubando algumas de suas cores e formas, não para imitar a vespa, mas para incorporar o movimento da vespa ao seu movimento, pois o seu devir passa pela captura da vespa para

compor com ela ma orquídea-vespa. Doutro lado, a vespa é capturada pela orquídea, ela devém orquídea, não porque quer ser igual à orquídea, ela se deixou apanhar pelos movimentos da orquídea. Nesse encontro o que está em perspectiva é o plano de composição construído no movimento de aceleração, na velocidade e na lentidão das zonas de vizinhança, nas conjugações moleculares que colocam as relações rígidas do plano identitário em deriva.

O devir é uma dobra da diferença que floresce no território fértil das multiplicidades, onde as linhas que compõem o corpo vibram, são agitadas em uma zona fronteira, ressoam conexões, trocas. A vespa abandona a segurança do seu ninho para encontrar a orquídea, um encontro de forças em que algo muda, uma transformação molecular é desencadeada... As Moléculas entram em divisão celular, são multiplicadas no acontecimento e no encontro. O devir passa sempre por essas transições e acontecimentos, ele só existe pela experiência molecular.

O ninho da vespa se torna um lugar distante, as sépalas da orquídea, sua mais nova amiga. O devir não é metáfora, ele é produção do real, ele vibra todas as células do corpo, chocando-as umas nas outras para quebrar as estruturas da “forma homem”, abrindo o corpo para experimentação de modos não humanos de individuação. O devir opera sempre pelas aberturas na estrutura para criar outros territórios, outros desejos, outras sexualidades, mas, não nos enganemos, o devir é o ponto de partida que não sabemos onde ele quer-e-pode chegar.

O devir passa sempre pelas linhas minoritárias (DELEUZE; GUATTARI, 2013), um povo menor a espreita, um grupo excluído socialmente. Deleuze e Guattari desenham algumas desses povos menores em suas obras conjuntas: *devir-mulher*, *devir-animal*, *devir-criança*. Um convite para bailar uma dança sem coreografia, trocar a cidade pelas dunas do deserto, abandonar a estrada, desbravar a floresta... Uma vida regada pelos encontros é tecida a cada curva, a invenção contínua de si e a criação será sempre uma necessidade latente a cada novo caminho traçado. A dilatação é uma potência que não deseja capturar o outro, trata-se sempre de compor com o outro, desbravar juntos os territórios em um máximo de alteridade, tornando o percurso sua morada, sua potência de vida.

Os devires anteriormente mencionados são algumas possibilidades mencionadas por Deleuze e Guattari, mas o desejo é que cada um crie para si seus próprios devires, pois sempre irá brotar no mais árido deserto um modo de experimentar a vida jamais antes imaginada. Eis, portanto, a potência do devir: inventar modos de existência para além da

representação, para isso é preciso acelerar as partículas da diferença, fragmentando-as e as tornando leve para dar mobilidade a um corpo pesado e cansado (MACHADO, 2009).

A minoria é um elemento importante no conceito de devir em oposição à maioria. Um liame que não se dá pela ordem de grandezas, mas por um viés qualitativo. Só é possível experimentar os devires se abandonarmos os grandes grupos molares: *homem-adulto-branco-heterossexual...* “O homem é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devir-minoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 67). O maior deseja universalizar um padrão ideal, estabelecendo preceitos para que o sujeito alcance esse modelo. Uma forma de generalização da vida, uma paisagem dogmática do pensamento que culmina com o apagamento da diferença.

A paisagem não tem devir, ao contrário, o devir é uma linha de fuga para escapar das armaduras da representação. É por isso que Deleuze e Guattari (2013) não falam em devir-homem, este é de uma ordem molar, uma identidade fixa que deseja aprisionar e modelar tudo que o cerca, uma espécie de antropocentrismo, onde todas as outras forças são originadas dele e passíveis de dominação... O animal será sempre uma força irracional a ser adestrada, a criança é um adulto em processo de formação e a mulher um apêndice, um anexo da costela de adão.

Assim, o devir não quer atingir uma imagem, um modelo ou uma forma. Quando Deleuze e Guattari (2013) invocam a mulher, a criança, o animal... Não é para representar ou imitar, antes, criar alianças afetivas, fluídas e rizomáticas para desabar as estruturas das políticas de identidade, logo, experimentar um devir-criança não é retornar ao estado de infantilidade para imitar as tolices da criança, na mesma direção o devir-mulher não pressupõe passar um batom ou vestir uma saia; bem como o devir-animal não é latir como um cachorro... A imitação é um caminho perigoso que ameaça os fluxos do desejo. O devir é ele mesmo um fluxo que fissa as identidades e dar vazamentos aos desejos que outrora estavam aprisionados, pois um devir jamais se conclui, ele um processo de agenciamento do desejo.

Escritura IV: Sexualidade, Amizade e devir-imperceptível

A sexualidade encontra no devir-imperceptível a sua potência de indiscernibilidade. Entrar em devir-imperceptível é misturar-se com as águas do oceano, com paisagem para não deixar capturar, uma forma de passar despercebido pelos blocos molares.

Disseram prazer, Raul, prazer Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então (ABREU, 2015, p. 188-189)

O devir-imperceptível acelera as partículas do corpo de Raul e Saul, tornando-as micropartículas dissolvidas capazes de percorrer fluxos de linhas intransitáveis pela matéria molar, as radículas do rizoma, poeira cósmica. A camuflagem é a defesa do devir-imperceptível e a velocidade seu ataque, não contra o inimigo, mas para escapar dele, ser mais rápido que o predador, mais veloz que o instante, tão ágil que nem os olhos podem alcançar (GIL, 2008).

Cruzavam-se silenciosos, mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam as suas mesas (ABREU, 2015, p. 191). Atenta, as moças em volta providenciaram esticadas aos bares depois do expediente, gafieiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para trocar suas histórias intermináveis” (ABREU, 2015, p. 192)

Como deslizar pelas linhas estreitas que engendram a vida sem, para isso, ser esmagado ou notado? Tornar-te leve, rápido e sutil dirão Deleuze e Guattari (2013). Quem sabe caminhar pela floresta densa em vez da clareira, dilatar-se sim no território, mas com cuidado para não ser capturado pelas armadilhas do inimigo. O devir-imperceptível é um aprendizado, um movimento de “ser como todo mundo”, o que claro é muito diferente de “ser todo mundo”, uma potência, um devir-mundo (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

O guerreiro nômade eleva o devir-imperceptível a sua máxima potência, sua máquina de guerra. Ser nômade é maquinizar movimentos de desterritorialização e reterritorialização, é fissurar as amarras da identidade fundamentadas na razão binária que bifurca a vida sempre em dois pólos distintos (homem/mulher, adulto/criança/humano/animal) (MOEHLECKE, FONSECA, 2005). Destituir o rosto dessa imagem dicotômica, torná-lo invisível e flexível não é matar a si mesmo, ao contrário, é dar a vida intensidade, permitir que conexões sejam estabelecidas, composições sejam criadas, novos arranjos sejam tecidos e, principalmente, é pugnar o “EU” do nosso corpo, para torná-lo múltiplo, animal, criança, mulher, imperceptível (SANTOS; BRITO, 2016).

Os personagens, distantes da moralidade da repartição, das atividades rotineiras, dos olhares desejanos das moças, do julgamento dos colegas de trabalho..., vão tecendo, na calmaria do quarto de Raul, nos parques e nos bares da cidade, uma relação sensível, regada de afetos:

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas (ABREU, 2015, p. 192); Domingo depois do almoço, Saul telefonou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta no sábado (ABREU, 2015, p. 193); Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para as duas e o relógio de ponto era implacável. Saíam e voltavam juntos, desde então, geralmente muito alegres. Pouco tempo depois, com pretexto de assistir a *Vagas Estrelas da Ursa* na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar (ABREU, 2015, p. 194); Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava – vez enquanto *El Día Que Me Quieras*, vez enquanto *Noche de Ronda*-, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel, pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá (ABREU, 2015, p. 196); Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro (ABREU, 2015, p. 198)

Entrar em devir-imperceptível é, segundo Deleuze e Guattari (2013), fazer travessuras como a Pantera Cor-de-Rosa³. Pergunta-se: quais ações desse personagem fantasioso inspiraram Deleuze e Guattari na produção conceitual do devir-imperceptível? A Pantera Cor-de-Rosa era astuta, ela pintava as paredes à sua cor (rosa) para se deslocar sem ser notada pela multidão. A pantera maquinava um devir-rosa do mundo para que ela mesma devesse ser imperceptível. Quando o mundo devém rosa, quando pintamos a parede ou vestimos a capa da invisibilidade, quando compomos um organismo com o mundo, não há mais nada a falar, apenas o silêncio, o inefável, pois já estamos para além do que as palavras podem dizer ou esconder (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

³ Desenho animado dos filmes de Blake Edwards).

Tornar-se imperceptível é uma tarefa difícil, ninguém disse que seria fácil, porém é necessária diante do autoritarismo e do fascismo que tomou e toma da conta da sociedade (MEDEIROS, 2016).

Os grupos marginalizados pela sociedade; seja pela cor da sua pele, religião, sexualidade..., estão sempre entrando em devir-imperceptível para inventar um modo de existência em meio ao território forjado pelos grandes blocos econômicos e sociais: *Homem-branco-heterossexual-cristão-ocidental*.

Nessa perspectiva, o mundo ocidental, chancelado pelas relações heterossexuais fundamentadas na religião cristã e na reprodução biológica, engendrou um território molar, segmentarizado em que a sexualidade somente poderia ser experienciada pelo contrato amoroso entre um homem e uma mulher, XY e XX. Mas, a vida se dá em meio à multiplicidade, a organização heterossexual é só uma entre tantas linhas que tecem a sexualidade humana (MEDEIROS, 2016).

Raul e Saul, amigos, companheiros, confidentes. Encontram no devir-imperceptível uma fórmula para se tornar poeira cósmica, passar despercebidos pelas fretas, pelas fissuras postas nos blocos molares, ainda que não tenham conhecimento disso. Essas fórmulas são inventadas e reinventadas todo o tempo, o tempo todo, não apenas os personagens agenciam esses devires em seus corpos, mas todos os corpos dissonantes inventam suas estratégias para tornar a vida possível (COSTA; BRITO, 2018).

Os inimigos estão sempre à espreita, observando, esperando um gesto, um movimento brusco. A amizade entre os personagens na repartição por algum tempo permitiu o envolvimento, a troca de afetos, mas entre um movimento e outro, um gesto e outro, os colegas percebem que existe algo de “anormal” naquela relação, passam a vigiar e julgar:

Na segunda, não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espiavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem (ABREU, 2015, p. 194); Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas (ABREU, 2015, p. 195).

O julgamento arrasta consigo a punição:

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias - e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro – ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração, comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos. Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala deserta na hora do almoço, sem se olharem nos olhos (ABREU, 2015, p. 199).

Diante das denúncias de uma relação “anormal e ostensiva”, o chefe da repartição demite Raul e Saul. Um sistema perverso de julgamento e culpa que culmina com a punição. Dar os corpos a experimentação é uma aventura, da qual muitas vezes não se retorna com vida. No conto “*Aqueles dois*” a punição é materializada pela demissão, em “*Terça-feira Gorda*” pela morte. O devir-imperceptível dos personagens é interrompido naquela repartição, mas a amizade permanece, “*Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse*” (ABREU, 2015, p. 199), pois, ainda existe um mundo lá fora, inimigos ainda mais implacáveis, ainda mais violentos. Raul e Saul abandonam esse território, mas na certeza de que vão trilhar outros caminhos, outros desertos, juntos, na velocidade do devir, imperceptíveis ao olho julgador.

Aventure-se pela vida, ela é bela, junte-se ao mundo, misture-se nele, mesmo na sua miséria, há sempre um encanto a brotar no deserto árido da vida, há sempre um encontro por vir, ainda que seja de almas, há sempre possibilidades de criar uma linha de fuga, resistir...

Referências

ABREU, C. F. **Morangos mofados**. Nova Fronteira, 2015.

CARDOSO, H. R.; NALDINHO, T. C. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. **Fractal: revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 43-56, 2009.

COSTA, D. W. S.; BRITO, M. R. O corpo em costura, corpo em abertura. **Revista Aleph**, n. 31, 2018.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, M. **Da amizade como modo de vida**. Gai Pied, n. 25, p. 38-39, 1981.
- GIL, J. **O imperceptível devir da imanência: sobre a filosofia de Deleuze**. Relógio D'água, 2008.
- LOPONTE, L. G. Amizades: o doce sabor dos outros na docência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 819-938, 2013.
- MACHADO, R. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MEDEIROS, R. F. O devir-corpo dos personagens de David Cronenberg. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 23, n. 2, 2016.
- MOEHLECKE, V; FONSECA, T. M. G. Da dança e do devir-o corpo no regime do sutil. **Revista do Departamento de Psicologia UFF. Niterói, RJ. Vol. 17, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 45-59**, 2005.
- ORTEGA, F. G; COSTA, J. F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Ed. Graal, 1999.
- PELLIZZARO, N. A amizade na perspectiva de M. Foucault. **Argumentos-Revista de Filosofia**, v. 7, n. 14, 2015.
- SANTOS, H. S. S; BRITO, M. R. Esquizografias dos afetos: sexualidade entre paisagens. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 25, n. 1, p. 233-256, 2016.
- ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Recebido em setembro de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.